

CAMINHADAS À UNIVERSIDADE: PERCURSOS AO ENSINO SUPERIOR ENTRE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DE ORIGENS POPULARES NO INTERIOR CEARENSE¹

RICARDO CRUZ MACEDO²
TEREZA CORREIA DA NÓBREGA QUEIROZ³

RESUMO

As caminhadas à universidade entre jovens de origens populares, sobretudo a partir dos anos 2000, revelam distintos percursos que conectam as relações dos grupos familiares com a escolarização dos filhos e com seus itinerários de individuação, descortinando diferentes estratégias de inserção e de manutenção nos cursos superiores. Neste artigo analisamos os percursos à universidade entre jovens de origens populares, estudantes da Universidade Federal do Cariri (UFCA), no interior cearense. Os dados são qualitativos, organizados através de entrevistas semiestruturadas e observações de campo. A partir dos relatos produzidos, destacamos que: a origem social condiciona diferentes estratégias para os deslocamentos à universidade; a condição de gênero implica rupturas com os “destinos sociais” encerrados no âmbito doméstico; a conquista da própria subsistência leva a um sentimento de autonomia relativa na gerência da vida e permite a percepção da ampliação dos horizontes de possibilidades além dos almejados pela família de origem.

PALAVRAS-CHAVE

Juventudes; Origens populares; Ensino superior; Universidade pública.

HIKING TO UNIVERSITY: COURSES TO HIGHER EDUCATION AMONG YOUTH UNIVERSITY STUDENTS FROM POPULAR ORIGINS IN THE INTERIOR OF CEARÁ

ABSTRACT

Walks to the university among young people of popular origins, especially from the 2000s on, reveal different paths that connect the relationships of family groups with the education of their children and with their individualization itineraries, unveiling different insertion and maintenance strategies in higher education courses. In this article we analyze the routes to the university among young people of popular origins, students of the Federal University of Cariri (UFCA), interior of Ceará. The data are qualitative, organized through semi-structured interviews and field observations. From the reports produced, we highlight that: Social origin conditions different strategies for commuting to the university; The gender condition has implications for the ruptures with the “social destinies” closed at home; The conquest of one's own subsistence leads to a feeling of relative autonomy in the management of one's own life and allows the perception of broadening the horizons of possibilities beyond those desired by the family of origin.

KEYWORDS

Youths; Popular Origins; University education; Public university.

¹ Este estudo é parte da tese de doutorado em Sociologia pelo PPGS/UFPB (2021), e recebeu financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Doutor em Sociologia (PPGS/UFPB, 2021). Pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos, Sustentabilidades e Políticas Públicas (LAURBS-UFCA). E-mail: ricardocruzmacedo@gmail.com.

³ Doutora em Sociologia (PPGS/UFPE, 1999). E-mail: queiroz.tereza@gmail.com.

RANDONNÉE À L'UNIVERSITÉ : COURS D'ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR PARMIS LES JEUNES ÉTUDIANTS UNIVERSITAIRES D'ORIGINES POPULAIRES À L'INTÉRIEUR DU CEARÁ

RÉSUMÉ

Les promenades universitaires parmi des jeunes d'origines populaires, notamment à partir des années 2000, révèlent différents chemins qui relient les relations des groupes familiaux à l'éducation de leurs enfants et à leurs itinéraires d'individualisation, dévoilant différentes stratégies d'insertion et de maintien dans l'enseignement supérieur. Dans cet article, nous analysons les itinéraires vers l'université chez les jeunes d'origines populaires, étudiants de l'Université fédérale de Cariri (UFCA), à l'intérieur du Ceará. Les données sont qualitatives, organisées à travers des entretiens semi-structurés et des observations sur le terrain. À partir des rapports produits, nous soulignons que: l'origine sociale conditionne différentes stratégies pour se rendre à l'université; La condition de genre a des implications pour les ruptures avec les «destinées sociales» fermées à la maison; Conquérir sa propre subsistance conduit à un sentiment d'autonomie relative dans la gestion de sa propre vie et permet de percevoir l'élargissement des horizons de possibilités au-delà de ceux souhaités par la famille d'origine.

MOTS-CLÉS

Jeunes; Origines populaires; Enseignement universitaire; Université publique.

CAMINATA A UNIVERSIDAD: CURSOS DE EDUCACIÓN SUPERIOR ENTRE JÓVENES ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS DE ORÍGENES POPULARES EN EL INTERIOR DE CEARÁ

RESUMEN

Los paseos a la universidad entre jóvenes de origen popular, especialmente a partir de la década del 2000, revelan diferentes caminos que conectan las relaciones de los grupos familiares con la educación de sus hijos y con sus itinerarios de individualización, desvelando diferentes estrategias de inserción y mantenimiento en los cursos de educación superior. En este artículo analizamos las rutas a la universidad entre jóvenes de origen popular, estudiantes de la Universidad Federal de Cariri (UFCA), interior de Ceará. Los datos son cualitativos, organizados a través de entrevistas semiestructuradas y observaciones de campo. De los informes elaborados, destacamos que: El origen social condiciona distintas estrategias de desplazamiento a la universidad; La condición de género tiene implicaciones para las rupturas con los "destinos sociales" cerrados en casa; La conquista de la propia subsistencia conduce a un sentimiento de relativa autonomía en la gestión de la propia vida y permite la percepción de ampliar los horizontes de posibilidades más allá de las deseadas por la familia de origen.

PALABRAS CLAVE

Jóvenes; Orígenes populares; Enseñanza superior; Universidad pública.

INTRODUÇÃO

As caminhadas à universidade entre jovens de origens populares, sobretudo a partir dos anos 2000, revelam distintos percursos que se conectam às relações dos grupos familiares com a escolarização dos filhos e como se descortinam diferentes estratégias de inserção e manutenção nos cursos superiores. Para além da ordem pessoal, são experiências possíveis a partir de determinadas dinâmicas socioculturais, políticas e econômicas de um dado tempo e sociedade. Neste artigo analisamos os significados dos percursos rumo à universidade entre jovens de origens populares. Priorizamos a análise das relações entre os jovens e as suas famílias e as estratégias desenvolvidas pelo grupo familiar para alcançar a educação superior. Objetivamos compreender, fundamentalmente, como se tecem os significados da universidade a partir das caminhadas dos jovens de origens populares ao ensino superior e como as experiências vivenciadas impactou a redefinição de suas perspectivas de vida e projetos de futuro.

A questão que motiva a pesquisa se insere nos debates acerca da natureza da ação social. No caso de trajetórias educacionais, esse debate foi influenciado pelos estudos de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron (1975) e Bourdieu (2007). No entanto, autores mais recentes, como Bernard Lahire (1997; 2005), vêm destacando a diversidade de experiências socializadoras dos indivíduos. Para esse autor, as ações geram indivíduos plurais cujas disposições internas são desagregadas em uma pluralidade de aquisições, nem sempre convergentes. Nesse mesmo sentido, François Dubet (1994) aponta para a diversidade das experiências dos indivíduos na sociedade contemporânea, que são movidas por lógicas distintas, por vezes antagônicas, levando-os a uma maior reflexividade, distanciamento e a tomadas de posições não redutíveis a atualização de *habitus* incorporados. Inspirados nessas perspectivas, observamos que os fatores de ordem pessoal têm tornado as trajetórias educacionais menos uniformes, levando estudantes de grupos menos favorecidos a romperem as barreiras de classe e alcançarem o sucesso escolar.

Nesta pesquisa investigamos trajetórias individuais de estudantes de ensino superior, buscando entender as razões que os levaram a ser bem-sucedidos em suas trajetórias educacionais. São disposições incorporadas ou são a reflexividade e criatividade produzidas pela diversidade de experiências que favoreceram o acesso e a permanência nas universidades? Como os jovens explicam as decisões tomadas ao longo do percurso e dos bons resultados obtidos? Qual o papel das disposições adquiridas e das experiências recentes na configuração de valores, práticas e perspectivas de vida?

A abordagem teórica aqui empregada se insere no âmbito dos estudos da sociologia em escala individual, inspirando-se nas contribuições de Dubet (1994) e Lahire (1997; 2005).

Esses dois autores analisam, cada um a seu modo, a pluralidade dos contextos e das experiências dos atores nos processos educacionais como ferramentas para a compreensão das ações sociais. Suas abordagens, ao invés de privilegiarem a análise a partir da reprodução das desigualdades sociais e educacionais⁴, buscam compreender como ocorrem os processos de rupturas dos percursos educacionais nos grupos populares.

Embora esses autores compartilhem o que se denominou de sociologia em escala individual, suas análises apresentam diferenças importantes. Para Lahire (1997; 2005), a diversidade de experiências vivenciadas pelos indivíduos os possibilitam ser plurais, irreduzíveis a uma única configuração de classe, como argumentou Bourdieu (1995; 2007). Dubet (1994), por sua vez, destacou a dimensão da experiência na conduta humana, nem sempre redutível à aplicação de códigos interiorizados ou a escolhas racionais estratégicas. Sendo o mundo social permeado por diferentes lógicas de ação, sem unidade coerente entre elas, os indivíduos são levados a desenvolver uma capacidade crítica e certa distância em relação a si mesmos. Tendo em vista essas perspectivas, e utilizando os conceitos de indivíduo plural e de experiência, analisamos as caminhadas rumo à universidade e as diferentes experiências que perpassam e são vividas pelos jovens entrevistados.

O estudo foi realizado com estudantes da Universidade Federal do Cariri (UFCA), campus Juazeiro do Norte-CE, e os dados apresentados são de caráter qualitativo, organizados através de entrevistas semiestruturadas e observações de campo. A seleção dos dois casos apresentados neste artigo se justifica pela observação dos elementos narrativos que os jovens apresentaram para a compreensão não apenas dos significados dos percursos à universidade, mas do envolvimento familiar, das diversas experiências vivenciadas e das suas inserções nas políticas de assistência estudantil. Os dois jovens são provenientes de áreas rurais do estado do Ceará, o que sugere maiores obstáculos materiais e imateriais para o ingresso e a permanência na universidade. Trazem, também, distintas experiências de gênero. Assim, a definição dos casos destacados nos possibilitou problematizar como são vividas as rupturas dos níveis de escolarização para os jovens e as suas experiências de geração rumo à universidade.

Para além dessa apresentação, o artigo está estruturado em dois tópicos, cada um deles apresentando um relato de um jovem universitário que vivenciou a pesquisa de campo para o estudo da tese em sociologia, e as considerações finais, em que apresentamos as nossas reflexões sobre os dados da pesquisa.

ISAQUE: ESTUDAR OU TRABALHAR

⁴ A respeito dessa discussão, ver Bourdieu (2007).

Tendo se identificado como pardo, Isaque tem 21 anos de idade. A sua entrevista ocorreu em 28 de agosto de 2019. Oriundo de Missão Velha, sua família reside em um vilarejo a cerca de 30 km da sede urbana. Estudante do curso de Engenharia de Materiais, é egresso da rede pública. Seu pai e mãe criaram seis filhos com a agricultura e, por isso, antes de sair para o ensino superior em Juazeiro do Norte, sua vida toda foi na zona rural.

Numa família com oito pessoas, Isaque é o penúltimo dos filhos que cresceu na roça. Suas memórias de cuidado familiar envolvem desde a exigência de ir à escola, aos cuidados da mãe entre a casa e os filhos, até a ida à roça. Entre os seis filhos, a primeira a cursar o ensino superior foi uma mulher, formada em letras. Além dessa, Isaque tem um irmão que estuda Construção de Edifícios no Instituto Federal, campus Juazeiro do Norte.

Com a renda da agricultura, na vida econômica do grupo familiar as estratégias de manutenção das despesas, como alimentação e educação, sempre se orientaram tendo em vista a escassez dos recursos.

Posso dizer que era apertada porque a renda dos meus pais sempre foi menos de um salário mínimo, a gente nunca chegou a passar fome em casa porque meu pai trabalhava muito na roça, justamente para a agricultura de subsistência, plantar para gente comer. Mas, tinha dias que lá em casa só tinha arroz e não tinha outra coisa. Era um pouquinho apertado (ISAQUE).

Seus pais estudaram na escola pública, tendo cursado somente até a quarta série do ensino fundamental. Segundo Isaque, de acordo com os seus pais, a educação se constitui elemento indispensável. Assim, quando indagado sobre como seus responsáveis entendem e incentivam a educação dele e dos seus irmãos, o jovem relatou:

O incentivo era “ou você estuda para ter uma vida melhor, ou vai ter que ir pra roça mais eu”, basicamente o incentivo que eles davam era esse. Diziam: “você sabe o tanto que a gente sofre trabalhando na roça, só tinha esse caminho”. A gente ia para a roça, via o sofrimento e dizia: “rapaz, eu não quero isso para minha vida não!”, e também a gente conversando muito na roça e pai dizia: “Ó, só tem um caminho, só tem como melhorar de vida se for estudando” (ISAQUE).

Para o jovem, grande parte do papel atribuído à educação em sua família se deveu à orientação evangélica dos pais. “Para a minha família, educação sempre foi um caminho tanto para a gente melhorar de vida como de seguir o caminho que eles [pai e mãe] consideram reto”.

A entrada na universidade simbolizou uma conquista muito esperada. Era o início de uma fase nova e, com ela, outras formas de se organizar financeiramente. Desde o início da graduação Isaque precisou deixar a casa dos seus pais e ir morar na cidade de Barbalha junto com dois irmãos para que se tornasse mais acessível o trajeto diário ao campus universitário até Juazeiro do Norte. Essa foi a fase de maiores dificuldades econômicas, uma vez que se descortinavam outros caminhos em sua vida e as expectativas se somavam às angústias. Quando indagado sobre como foi ter saído da casa dos seus pais, o estudante respondeu:

Foi até uma parte difícil porque meus pais já não tinham dinheiro e eu ainda ficava tirando para um investimento que não vai ter um retorno imediato, e era daí que vinham os momentos tristes do curso, quando eu pensava em desistir. Eu deveria estar trabalhando, porque tanto eu ia ter dinheiro para mim como eu ia poder ajudar meus pais. Mas era o contrário, eu estou aqui estudando e o meu pai está suando para conseguir me manter aqui. [...]. E basicamente o que me manteve aqui foi o pai. Foi ele quem me disse: “Olhe, rapaz, está difícil agora, mas é igual na roça, você sabe a dificuldade que a gente tem quando está plantando, depois vai limpar o mato, na hora de colher é difícil, mas na hora em que o arroz está em casa? A gente num fica alegre?”. Foi esse o conselho que meu pai me deu. Que eu não desistisse. “Continue. Desista não. Começa assim, no sofrimento, mas depois vai melhorando”. Aí eles me mantiveram aqui (ISAQUE).

A maneira de lidar com as intempéries da vida de agricultor fez Isaque evocar, várias vezes, os ensinamentos do seu pai no trato com a roça. O trabalho e as estratégias de manutenção da renda para o sustento familiar soavam como memórias de um crescimento pessoal para o estudante.

O curso de Engenharia de Materiais foi, por muito tempo, desconhecido pelo próprio jovem. Apenas durante o ensino médio Isaque veio a saber dessa área de estudos através de uma ação de extensão promovida pela UFCA no ano de 2013, que divulgava os cursos oferecidos pela instituição na escola em que estudava. Porém, o seu desejo era cursar química, mas o jovem não sabia se na região do Cariri o curso era oferecido em alguma instituição pública e, com a possível nota do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), não planejava sair para outras regiões ou estados do Brasil. Segundo o entrevistado, realizar pesquisas básicas sobre quais cursos poderia fazer e quais são ofertados nas cidades da região era uma atividade difícil em sua realidade social, pois o mesmo não tinha acesso à internet em sua casa até o ano de 2017.

A respeito da escolha pelo curso de Engenharia de Materiais da UFCA, Isaque nos relatou:

Eu tinha afinidade com todas as áreas, sempre fui bem na escola, poderia ter me esforçado mais, é uma coisa que me arrependo de não ter feito, mas eu sempre fui aficionado por ciências, eu assistia aos programas de ciência na televisão e via os caras fazendo as experiências, e eu ficava: “Rapaz, é isso que eu quero para a minha vida”. Eu acho isso legal, ver as experiências, fazendo vulcões, e aquilo me deu uma certa chama. Então, basicamente o que eu sempre quis foi me formar em química, meu pensamento era esse. E aí foi a tristeza, porque eu não sabia que aqui na região, na época que eu ia terminar o ensino médio, não tinha o bacharelado em química. “E agora? Minha vida toda sonhando isso e saber que não tem?”, porque também a gente não tinha acesso à internet, morava no sítio e não tinha isso, né? Aí descobri que não tinha o curso de bacharel em química. Aí eu fiquei meio sem saber o que fazer. E aí levaram [a escola do ensino médio] o pessoal da UFCA para apresentar o curso [de Engenharia de Materiais] a gente, e quando a mulher começou a falar da Engenharia de Materiais foi falando e eu me vi naquele curso, pensei: “rapaz, isso aqui é basicamente química, tem muita química envolvida”. Foi aí que eu escolhi Engenharia de Materiais, foi minha primeira opção porque estava ligado à química, estava ligado àquilo que eu queria (ISAQUE).

Isaque define que sua experiência na universidade é marcada pela superação e esforço. Para além da dimensão financeira, como destacado, o estudante acrescenta que outro elemento presente no início do seu curso superior foi a adaptação educacional e social, ainda que o curso ocorra em uma instituição pública. “[...] no começo eu olhava para os meus colegas de turma e ficava ‘rapaz, como eu vou conseguir aprender igual a esses caras?’, porque também tem a questão de que muitos vieram de escola particular e aí você fica bem abaixo deles”. Essa percepção das diferenças sociais e educacionais permeou a narrativa do entrevistado, que passou a enxergar a necessidade de trabalho como uma maneira de se ajustar em diferentes sentidos, tanto para ajudar a sua família como para dispor de melhores condições de estar dentro do grupo de estudantes típicos do seu curso.

Quando questionado sobre o que significa para a si a universidade, o entrevistado relatou:

Para mim, a universidade representa meio que uma porta para crescer como pessoa, porque a gente não cresce só profissionalmente, a gente cresce também como pessoa. Então, eu enxergo a universidade como isso, uma porta para crescer como pessoa, profissionalmente e financeiramente. Tanto é uma porta que me obrigará a crescer, como é um local que me traz um pouquinho de sofrimento, porque eu tenho que fazer amizades, conhecer pessoas, conversar com pessoas, o que é um pouco difícil as vezes para mim. Então a universidade é, para mim, o lugar que me ajuda a crescer pessoalmente e profissionalmente porque me obriga a enfrentar meus medos sociais (ISAQUE).

Isaque deixou a casa dos pais para residir na cidade de Barbalha durante a graduação, experiência que lhe exigiu se organizar com outros dois irmãos, um deles também universitário e o outro autônomo. Nesse período, porém, a própria universidade se constituiu em seu principal espaço de relações diariamente, de modo que o estudante, conforme nos destacou, passou a se ocupar entre dez e doze horas diárias na instituição, local de suas aulas e onde participa das atividades acadêmicas, faz as refeições e estabelece sua rede de relações.

Na busca por uma renda que pudesse auxiliar a manutenção dos seus estudos, uma aquisição importante e que trouxe novos sentidos ao seu percurso de universitário foi ter se tornado beneficiário do auxílio estudantil. Quando indagado sobre como avalia o benefício, o jovem disse:

O auxílio-moradia é algo vital para um estudante de baixa renda permanecer na universidade, o auxílio tem muita importância. Digo isso porque eu senti na pele. Até antes de eu ser beneficiado pelo auxílio-moradia eu sentia meio que uma dificuldade, eu dizia “rapaz, eu acho que não vou conseguir chegar até o fim da graduação não”. Porque a crise começou a chegar, as coisas começaram a apertar, daí você se sente mais culpado ainda, porque minha família já não tem boas condições e ainda estou aqui sugando. Se eu não conseguisse o auxílio-moradia o meu pensamento era de desistir mesmo do curso e ir trabalhar (ISAQUE).

Conforme Isaque, o acesso a esse auxílio garantiu o cumprimento da despesa de aluguel da casa que divide com os irmãos em Barbalha. Mesmo não sendo sinônimo de independência pessoal, uma vez que parte da alimentação dos três jovens vem da casa dos pais, avalia que o recurso colabora para mantê-lo no curso universitário. Em relação ao custeio da alimentação pela família, afirmou: “Eles [os pais] praticamente nos sustentam. Toda a feira lá de casa são eles que fazem, só quando falta alguma coisa que a gente precisa comprar, mas, basicamente, todo o resto são eles que fornecem”.

Para o jovem, finalizar o curso superior e ingressar no mercado de trabalho é a maneira como ele se imagina no tempo futuro, inclusive, mesmo que venha a desenvolver atividades laborais para além da área de sua formação, Engenharia de Materiais. No entanto, ainda que possa trabalhar não sendo engenheiro de materiais, ressaltou que não se imagina agricultor, profissão do pai. Quando questionado sobre como acredita que a universidade poderá estar em seus planos pessoais no tempo futuro, Isaque respondeu:

Ao sair daqui eu serei um cara totalmente diferente de como entrei na universidade. Ao sair daqui a universidade me dará um título de graduação, uma especialização, e vai me ajudar a enfrentar as dificuldades relacionadas à minha profissão. Seja como engenheiro de materiais ou não, eu posso dizer que os conhecimentos que a gente aprendeu aqui dão para aplicar em outras áreas e conseguir se destacar, porque propicia isso (ISAUQUE).

A trajetória de Isaque demonstra o peso de sua origem social, o mundo rural do estado do Ceará, presente na narrativa das dificuldades de sobrevivência enfrentadas pela família, na gestão do orçamento familiar dos recursos escassos, no sofrimento visto como inevitável ao processo de crescimento; é também presente no valor atribuído à família e a suas redes de reciprocidades geradoras de sentimentos de dívida e de desejo de retribuição; a origem social está presente também no sentimento de inferioridade que experimenta em relação aos outros colegas universitários, oriundos de classe média mais abastada e educados em escolas particulares.

No entanto, algumas experiências ao longo da trajetória do jovem apontam para singularidades: o peso da religião evangélica no família de origem levou seu pai a estimular o estudo, que era visto como meio de proteção em relação ao consumo de drogas e à vadiagem e também como acesso único a outro modo de vida diferente da precária condição da agricultura familiar; a televisão deu acesso ao jovem a outros modos de vida e práticas sociais, como o fazer científico, simbolizado para ele no exercício da química, disciplina com a qual sonhou fazer curso superior; o contato com programas de extensão universitária que abriram a possibilidade de realizar o curso de engenharia de materiais, curso que tinha afinidades com o que sonhava, ofertado por universidades próximas de sua localidade e acessíveis para jovens em sua situação.

Nas narrativas de Isaque é possível, assim, identificar disposições que interiorizaram desde a sua experiência familiar, como a ideia de sofrimento, de valorização da família, de

apoio da rede familiar, de sentimento de dádiva e de dívida em relação aos seus. Por outro lado, encontramos experiências singulares, como pensou Dubet, presentes no seu encontro com a televisão e seus programas de divulgação científica, e nas experiências com a extensão universitária propiciadas pela escola, além do currículo próprio.

Esse conjunto de experiências permitiu a Isaque construir outra perspectiva de vida, além das disposições de classe adquiridas no ambiente familiar, e ver-se como um sujeito completamente diferente do que entrou, que pode ser bem-sucedido no curso que escolheu e desenvolver expectativas positivas em relação à vida futura, apesar das incertezas do cenário nacional. Pode, ainda, planejar a realização de outros cursos e dar continuidade a valores como a família e a religião.

AMANDA: A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAR A REALIDADE SOCIAL

Filha mais velha de cinco irmãos, Amanda, que se identificou como negra, cresceu na zona rural do município de Jardim, na região do Cariri cearense, distante a 50 km de Juazeiro do Norte. Universitária do curso de Administração (UFCA), suas entrevistas ocorreram nos dias 18 e 26 de junho de 2019. O pai, agricultor, e a mãe, doméstica, conciliaram a criação dos filhos aos seus trabalhos de modo a sempre estarem presentes.

A respeito dos recursos financeiros do grupo familiar, a entrevistada relatou a convivência com uma rotina de privações.

Sempre foi bem difícil. Era apertado, mas fome a gente nunca passou. A gente passava precisão, mas eles [os pais] sempre davam um jeito, graças a Deus. A gente sempre foi muito humilde na questão financeira, de moradia [...] a gente sempre conseguia viver. Até porque é muito difícil sustentar uma casa com sete pessoas, e eles, que sempre trabalharam de roça, nunca tiveram carteira assinada para ser uma coisa mais fixa, tinham épocas mais difíceis. Sempre tiveram que trabalhar muito para manter a gente, foi muito difícil. Porque cinco filhos para dar de conta era bem difícil. A gente sempre estudou em escola pública, aí não tinha gasto com isso. Era ali pertinho e dava para gente ir. [...] eu estudei na escola profissionalizante, aí eu fazia o estágio em comércio e ajudava em casa. Aí quando eu consegui o auxílio aqui [na UFCA], consegui ajudar mais ainda. E quando eu comecei a trabalhar também sentia na obrigação de ajudar (AMANDA).

Em termos dos níveis de escolarização, o pai de Amanda não foi alfabetizado na escola, embora saiba ler e escrever basicamente. A mãe estudou até a quarta série do ensino fundamental. Para a entrevistada, “[...] eles tiveram uma vida muito difícil porque meus avós não tinham condições. Meus avós já eram humildes, meu avô era agricultor e minha avó feirante, aí não tinham renda folgada. O pai não teve oportunidade de estudar, teve que trabalhar muito cedo”.

Entre os filhos, Amanda não é a única universitária da família. Há uma irmã acadêmica do curso de Economia da Universidade Regional do Cariri (URCA), na cidade de Crato-CE. Mas, a jovem ressalta não ter sido fácil ingressar e se manter na graduação, mesmo sendo pública, pois até mesmo os transportes diários custam caro para as condições

financeiras da família. Nesse sentido, ao ser questionada sobre como foi o início do seu curso superior, a jovem nos respondeu: “Muito difícil, muito difícil mesmo. Dificílimo. Mas aí, graças a Deus, eu estou aqui. Eu só não desisti porque Deus é pai. [choro]. Graças a Deus eu ainda estou aqui”. A ênfase de Amanda sobre as dificuldades para ingressar e permanecer na UFCA corroboram sua perspectiva sobre o contexto familiar em que cresceu e, ao mesmo tempo, como a jovem procurou desenvolver estratégias para continuar nos estudos.

Egressa da escola pública, Amanda relata a sua trajetória escolar da seguinte forma:

Sempre estudei em escolas públicas, perto da minha casa no sítio. Aí estudei na escola profissionalizante lá de Jardim, fiz o técnico em comércio, e assim que terminei já entrei aqui na UFCA. Na minha primeira tentativa deu certo, pareceu um pouco assustador no início, eu sempre fui do sítio, muito caseira, não vinha quase nunca em Juazeiro, acho que a primeira vez que eu vim aqui [em Juazeiro] foi no dia da matrícula [risos], e isso foi de uma mudança total de realidade. Coisa de outro mundo. Mas, meus pais sempre me apoiaram muito na escola e em estudar, por mais que eles não tivessem tido chances, sempre incentivaram muito, que a gente mudasse a realidade através do estudo. Tudo que eles podiam fazer em questão de estudo eles faziam, qualquer sacrifício que precisasse. Aí quando fui para a escola técnica meu pai disse que eu quem escolhia e que ele me apoiava. Porque eu ia passar o dia todinho lá. Eu fui da primeira turma da escola [técnica], então, era uma realidade nova [em Jardim], passar o dia todo na escola. “Escolha o curso que você quer que a gente apoia”. Inclusive eu fui da primeira turma. Aí eu falei: “Eu vou! Vou ver como é”. Quando passei na UFCA eles [os pais] ficaram receosos, porque era um curso noturno em uma cidade distante, não tinha transporte que vinha para cá, as topiques que saiam de Jardim iam só para as outras faculdades porque aqui era um pouco mais afastado. Aí me juntei com mais quatro estudantes que tinha passado aqui também e a gente foi atrás de novas pessoas e conseguimos pagar um transporte. Eu sempre gostei muito dessa área da administração e queria muito, aí eles me apoiaram. Até porque eu sempre fiz questão de dizer a eles que eles não iam pagar. “Olhem, lá não precisa pagar, é de graça”. O primeiro mês meu pai pagou o transporte, no segundo eu consegui um estágio lá em Jardim. Recebia R\$ 400 e para mim estava ótimo, porque eu mesma pagava minha topique, pois todo mês lá ia eu pedir dinheiro a eles. Aí quando eu arranjei a bolsa aqui eu saí do estágio na hora e vim para cá. A bolsa era de pesquisa, passava o dia todo aqui três vezes por semana, aí continuava morando em Jardim. Mas era melhor porque já era mais do meu curso mesmo. Eu morava ainda lá em Jardim, porque só a bolsa não dava para pagar as coisas aqui. Mas eu já tinha a bolsa e tentava o [auxílio] moradia. Meu namorado já estudava na UFCA e me contava das coisas que tinham aqui, tipo, que tinha o auxílio-moradia. Ele já tinha noção. Porque assim, quando você entra na universidade, você vem meio sem saber das coisas daqui. Aí no primeiro ano consegui só a bolsa. Isso já facilitou muito minha vida. Aí quando eu consegui o auxílio, ano passado [2018] eu vim morar aqui. Hoje, graças a Deus, eu posso pagar a alimentação aqui na UFCA e na minha casa, e as despesas de casa, pago tudo, aí sobra para eu ir para Jardim. Todo final de semana eu vou (AMANDA).

Amanda, frequentemente, retomou em suas respostas o sentido de dificuldades enfrentadas para a vivência das experiências de escolarização, mas o tensionou com passagens em que demonstra se orientar pela noção de superação no tempo futuro. É nesse sentido que destaca a importância de se ter um diploma. “Para tentar mudar a realidade da vida [choro]. Porque meus pais nunca tiveram a oportunidade, essa conquista é deles também, para eles é importante também, então é importante para mim tentar mudar a realidade deles como é importante para eles também”.

Da mesma faixa de idade que a jovem há, também, outra mulher na família cursando o ensino superior em Juazeiro do Norte, uma prima paterna. Mas, além dessa e da sua irmã,

Amanda destaca o quão importante tem sido permanecer estudando, pois ela considera que tem influenciado as demais pessoas mais novas da família.

As minhas irmãs já estão vindo também, outra irmã já está na escola técnica e quer vir para cá [UFCA]. A gente vê a inspiração, para mim, era muito extraordinário ir fazer faculdade fora, porque eu não via ninguém fazendo isso. Da minha geração, eu sou uma das mais novas e eu nunca vi meus primos falando em fazer faculdade e ir estudar fora, e quando eu falei que vinha foi um espanto para eles. “Tu vai? Sozinha? Para que isso? [...]”. Mas, eu fui abrindo o caminho [risos]. [...]. Então, eu fico contente que eles vão me vendo como inspiração [risos] (AMANDA).

Para Amanda, um dos principais fatores que a permitiu cursar a graduação e, sobretudo, ter saído da casa dos seus pais foi ter adquirido os auxílios das políticas de assistência estudantil. Também foi essa oportunidade que modificou sua organização financeira e a rotina de experiência diretamente relacionada ao curso superior.

Quando eu consegui o auxílio-moradia eu estava em um estágio [em uma empresa] que me sobrecarregava, me estressava, veio no momento certo. [...] Quando eu consegui eu saí do estágio, minha saúde mental estava abalada. Aí eu fiquei na empresa júnior, na bolsa e com o auxílio. Um dia depois que consegui o auxílio eu fui lá no estágio e disse que ia sair. Mas saí de bem com todo mundo, não briguei com ninguém, eles deixaram as portas abertas para mim (AMANDA).

Quando indagada sobre qual a sua opinião a respeito dos auxílios estudantis, Amanda respondeu:

Já fui beneficiada do transporte, moradia, financeiro a eventos, bolsa e alimentação. Eu vejo como uma forma maravilhosa que a universidade contribui com que os alunos permaneçam aqui. Eu conheço inúmeras pessoas que não conseguiriam continuar na universidade sem o auxílio, eu até ficaria, mesmo com muitas dificuldades, porque eu ia dando um jeito. Então, é uma forma de a universidade auxiliar, de fato, os alunos e fazer com que eles permaneçam aqui da melhor forma possível. Porque tem pessoas que precisam muito. É possível você trabalhar o dia todo e estudar a noite? É possível, mas é muito cansativo, porque tem trabalhos, tem provas. Então, é muito complicado. O auxílio supre a necessidade de se dar a liberdade de sair de um estágio, um trabalho, para se dedicar a alguma coisa da graduação. Lá em casa [com os amigos] mesmo [...] ainda bem que tem o auxílio [risos], porque lá tem três de nós que recebe. Já imaginou a gente sem esse dinheiro? (AMANDA).

O acesso aos recursos financeiros advindos dos auxílios implica reorganização do sentido de independência pessoal para a jovem, que vai rompendo o estado de dependência total dos seus pais a partir do processo de saída da casa familiar. “Morar sozinho já lhe dá independência, porque ou faz ou não come, ou lava ou fica sujo, aí tem que se virar. Mas o auxílio dá independência da família, e você não se sujeita a qualquer estágio e bolsa só para se manter na graduação”.

Cursar Administração foi se definindo nos horizontes de futuro para Amanda desde o seu ensino médio, quando estudou na escola técnica profissionalizante no município de Jardim pelo curso de comércio. A partir do curso superior, a jovem destaca o desejo de poder ajudar a família e modificar as suas condições sociais.

Eu quero ajudar minha família, dar para as minhas irmãs o que eu não tive. Porque os tempos são diferentes, as oportunidades para elas são diferentes das que eu tive, e quero

ajudar isso com elas também. Tipo, juntar meu dinheiro e poder chamar eles [família] para sair. "Vamos comer uma pizza que hoje é por minha conta". Porque assim, aqui [em Juazeiro do Norte] isso é muito simples. Sair e comer uma pizza. Mas lá [em Jardim], não. Para eles isso ainda é muita coisa. "Nossa, pizza!". E eu fico muito feliz em poder dar essa oportunidade a elas também" (AMANDA).

Amanda vem também de uma família de agricultores familiares, seus pais têm baixa escolaridade, mas sempre cuidaram e apoiaram os filhos em seus projetos educacionais. Os valores da família, a ajuda entre os membros e o desejo de crescimento conjunto são valores e práticas que atravessam seu relato. O rompimento com a reprodução do modo de vida familiar é demarcado por Amanda com a experiência de estudo em uma escola profissionalizante que se instalou em sua localidade. Ela foi da primeira turma, estudava o dia todo na escola e fez o curso de comércio, e lá começou a se interessar pelo mundo empresarial e do empreendedorismo. Outro aspecto relevante em seu relato era o desejo de fugir ao "destino social" das mulheres de seu entorno, que apenas faziam o ensino médio e se casavam, "encerrando-se" no mundo familiar. Ela não relata quando começou a desejar sua autonomia como mulher, mas provavelmente é influenciada pelo contexto cultural e midiático e pelos avanços do feminismo, que atravessa as fronteiras familiares e gera desejo de autonomia, mesmo para as jovens que vivem no contexto rural.

O estudo na escola profissionalizante, inicialmente, e na universidade, posteriormente, são experiências marcantes que inspiram seus desejos e projetos de seguir em frente, apesar de todas as dificuldades materiais encontradas. Assim, a trajetória de Amanda é relevante para explicar o sucesso escolar e profissional de jovens que estão em desvantagem diante dos que são provenientes de classes sociais mais favorecidas. Seu relato remete tanto às disposições adquiridas em seu núcleo familiar como ao sentimento de dívida em relação aos sacrifícios dos pais, o desejo de contribuir para que eles também melhorem de vida, como as novas disposições e práticas adquiridas ao longo da sua vida escolar, o que repercute na construção de projeto de futuro próprio, distante e distinto dos que tradicionalmente são próprios de agricultores familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos elementos apresentados, ressaltamos algumas considerações produzidas na pesquisa ao observarmos as caminhadas para a universidade entre os jovens de origens populares: 01) a classe social condicionou diferentes estratégias para os deslocamentos até a universidade; 02) a condição de gênero teve significativo destaque, evidenciando o acesso ao curso superior e as rupturas com os "destinos sociais" encerrados no âmbito doméstico; 03) há uma aprendizagem de novas formas de sociabilidades vivenciadas em espaços públicos impessoais e nos espaços institucionais a partir da condição de estudante universitário; 04) constatamos um sentimento de autonomia relativa na

gerência da própria vida e no assumir a própria subsistência entre os estudantes beneficiários das políticas de assistência estudantil; 05) constrói-se uma percepção e valorização de certa estabilidade financeira conferida pelo acesso às bolsas e estágios no interior da universidade em confronto com a vida anterior, marcada pela precariedade material, e o futuro, que se anuncia como incerto; 06) os relatos destacam, frequentemente, a ampliação dos horizontes de possibilidades além dos almejados pela família de origem; e 07) ainda que não definam as escolhas dos cursos, como pode ocorrer em outras classes sociais em que essa influência é mais enfática, as famílias exercem uma significativa influência pelo suporte financeiro, moral e afetivo durante todo o período de realização do curso superior entre os jovens de origens populares.

A análise da trajetória dos dois jovens selecionados demonstrou a transformação por eles vivenciada ao longo do tempo de sua trajetória bem-sucedida de realização de curso superior. Eles compartilham algumas semelhanças, como a origem social rural, são ambos provenientes de famílias de pequenos agricultores familiares, vivenciaram dificuldades econômicas agudas e cultivaram valores familiares de ajuda mútua. Mas outras experiências foram decisivas para alterar a perspectiva de reprodução do modo de vida familiar: o acesso à mídia, ao ensino técnico e a estágios em empresas influenciaram em suas perspectivas de futuro, levando-os ao ensino universitário e à superação das dificuldades aí encontradas.

Outros fatores, de ordem mais estrutural, foram também decisivos para possibilitar a caminhada dos jovens: a instalação de escola profissionalizante e universidades nas proximidades de seus locais de moradia, o acesso a políticas de permanência para jovens pobres, como o auxílio-moradia e estágios remunerados. Mas sem motivações internas e sem a redefinição de suas perspectivas de vida, os recursos externos seriam insuficientes para produzir o que chamamos de sucesso escolar na universidade. Os jovens agiram e foram pensados como sujeitos plurais e reflexivos, capazes de redefinir suas disposições adquiridas na socialização primária e agir além de determinismos de classe, confirmando a utilidade das perspectivas de Lahire (1997; 2005) e Dubet (1994) nas pesquisas com jovens de grupos populares.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

DUBET, François. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais e disposições: para uma sociologia à escala individual. **Revista Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, 2005. Disponível em: http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/18_ref_capes/arquivos/arquivo_152.pdf. Acesso em: 27 de agosto 2021.

Recebido em 23 de novembro de 2020.
Aprovado em 10 de agosto de 2021.